



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5900 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

A EDUCAÇÃO FÍSICA EMANCIPATÓRIA FRENTE À BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Reard Michel dos Santos - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Soraya Domingues - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Agência e/ou Instituição Financiadora: não se aplica

A EDUCAÇÃO FÍSICA EMANCIPATÓRIA FRENTE À BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

Este estudo tem como premissa que o ser humano pela motricidade realiza a vida em diálogo constante com o mundo. Neste processo de interação no Eu-Mundo que se constitui na cultura, a motricidade se caracteriza como elemento essencial que possibilita cada pessoa manifestar a vida de maneira singular, inserido num contexto histórico, cultural e social.

Nesta perspectiva se almeja por uma abordagem de educação corporal que favoreça aprendizagens voltadas ao desenvolvimento pleno de cada pessoa, ou seja, educar para o aprimoramento das potencialidades motoras, dos valores humanos, da criatividade, do pensamento crítico, da intuição, entre outras formas que nos caracterizam como humano. A educação neste sentido ocupa um papel fundamental na capacidade da pessoa se perceber, relacionar-se e alterar o mundo a nível local e global, visando à transcendência, de ser mais e de ser melhor.

Deste modo, identificamos na Ciência da Motricidade Humana (CMH), idealizada pelo professor lusitano Manuel Sérgio, uma abordagem de educação corporal que possibilita educar na perspectiva do ser humano integral em processo emancipatório.

O ponto de partida deste estudo teórico-exploratório (DEMO, 2004; GIL, 2008), foi identificar como a CMH dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (2018), documento normativo da educação brasileira. Na BNCC (2018) o componente curricular da Educação Física (EF) compõe a área das linguagens, sendo compreendidas como as maneiras de interação da pessoa consigo mesma e com os outros, imbricadas de conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos, constituindo-se como sujeitos sociais.

Assim, o presente estudo tem a intenção de contribuir com o componente curricular da EF conforme preconizado na BNCC (2018), utilizando os fundamentos da Educação Motora (EM), ramo pedagógico da CMH, como possibilidade de tematizar as

práticas corporais. As categorias de análise para identificar a interação destas abordagens de educação se darão pela caracterização das áreas (conceito) e as dez competências específicas da EF.

Os resultados deste processo investigativo apontam que as interações destas perspectivas de educação culminaram em um conjunto de aspectos indicativos que poderão orientar o planejamento das atividades curriculares da EF como agentes educativos emancipatório.

A CMH floresce com as inquietações do filósofo e professor Manuel Sérgio Vieira e Cunha, ao apresentar seu doutoramento, em 1986. Essa abordagem visa à superação das interpretações das ciências do homem amparadas no dualismo corpo e mente. Sérgio (1995, p.16) defende um novo campo disciplinar, propondo uma mudança de paradigma através desta ciência do movimento humano.

Sérgio (1995) acredita que:

[...] com a ciência da motricidade humana, os praticantes do desporto, dança, ergonomia e educação especial não se comportem mais como simples máquinas, animadas dos exercícios físicos que a sociedade lhes impõe, mas como pessoas livres e libertadoras; solitárias e solidárias; atentas ao que nelas mesmas é biológico, cultural e ânsia inapagável de transcendência, de ser mais (SÉRGIO, 1995, p.13).

Diante da complexidade que caracteriza o humano, Sérgio (1995, p.18) cita que por ser inteligível, o ser humano age intencionalmente e envolve a sua conduta em um contexto de sentido, superando a relação sujeito-objeto para uma relação de ser, onde o sujeito é seu corpo, seu mundo e sua situação, o mundo vivido interior e intersubjetivamente.

Em suas buscas investigativas para entender a complexidade humana, Sérgio (2010, p.116) apresenta os seguintes elementos: Corpo-Mente-Desejo-Natureza-Sociedade. Para ele é impossível isolar a pessoa do seu ecossistema, o indivíduo da sociedade e da natureza, o sujeito do objeto. E, no sujeito, o físico e dos demais elementos que o compõem.

A CMH se apresenta em solo brasileiro no período que a EF passava por profundas reflexões, início da década de 1980, reflexões influenciada pelas teorias críticas da educação que relacionavam a EF ao contexto histórico-cultural.

Neste período, questionava-se o papel da EF e sua dimensão política. Segundo Rodrigues, Zoboli e Calazans (2018) evidenciam este período:

Ocorria nesse momento uma mudança de enfoque, tanto no que diz respeito à natureza da área quanto no que se refere aos objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. No primeiro, enfatizavam-se as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, concebendo o aluno como ser humano integral. No segundo, abarcavam-se objetivos educacionais mais amplos (não apenas voltados para a formação de um físico que possa sustentar a atividade intelectual), conteúdos diversificados (não só exercícios e esportes) e pressupostos pedagógicos mais humanos (e não apenas o adestramento técnico). (RODRIGUES, ZOBOLI, CALAZANS, 2018, p.34).

Para Pereira (2011), a CMH supera a visão reducionista da EF, apresentando-se com a perspectiva bio-psico-sócio-filosófica que visa à transcendência, isto é, agir para ser mais.

A Motricidade Humana efetiva uma ruptura abissal, ou seja, um corte epistemológico com a Educação Física, porque promove a passagem do *físico tão-só à complexidade humana*, considerando o movimento intencional da transcendência, ao mesmo tempo em que sublinha a intencionalidade operante, que emerge da essência e da existência da pessoa humana, *ser-agente-encarnado* inserido no mundo (PEREIRA, 2011, p.378).

Pereira (2011, p.378) apresenta as vertentes da Motricidade Humana (MH) que emerge da essência e da existência da pessoa humana, *ser-agente-encarnado* inserido no mundo, expressa na motricidade do cotidiano, do esporte, do lazer, do trabalho, da saúde, da arte, entre outras.

No contexto escolar, consideramos a vertente da MH com capacidade de promover mudanças no modelo civilizatório no qual estamos imersos. Neste sentido se faz necessário, conforme aponta de Keim (2018, p.01), reconhecer cada pessoa como ser político. Essa ação implica em promover uma dinâmica que contemple a compreensão de que a educação é algo maior e mais complexo que a escolarização.

Tais argumentos, situados social e historicamente na vivência da MH, dialogam com conceito de corporeidade. Para João (2018), pesquisador da corporeidade referenciado no método complexo de Edgar Morin, entende que o conceito corporeidade tem como propósito trazer uma “nova” concepção de ser humano para o contexto da educação, no intuito de ultrapassar a concepção reducionista e simplificadora de homem e de mundo.

João (2018) evidencia a construção do conceito complexo de corporeidade, o qual traz a ligação entre o universo físico (*physis*) e o *bios* (a vida), e que se desenvolve no processo evolutivo das espécies até se concretizar na emergência da espécie humana, em que surge o pensamento (o espírito). Neste sentido, João propõe a seguinte definição para a noção de corporeidade que considera o ser humano:

[...] como ser físico/corporal e complexo, estando todas as qualidades e dimensões pertencentes ao humano enraizadas em seu corpo, enquanto uma organização sistêmica. É através do corpo que podemos identificar a individualidade, a existência e o ser, os quais remetem à organização. A corporeidade envolve as dimensões: física-motora (estrutura orgânica-biofísica-motora organizada de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instinto-pulsão-afeto), mental-cognitiva (cognição-razão-pensamento-ideia-consciência) e o sócio-histórico-cultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismo). (JOÃO, 2018, p.46).

Nesta perspectiva, a educação ocupa um papel fundamental ao considerarmos que o ser humano possui a capacidade de percepção amparada na intencionalidade, na tomada de consciência, num constante processo de evolução e num permanente devir, podendo adquirir uma postura de responsabilidade para encarar os desafios do mundo a favor da vida com dignidade para todos em harmonia com a natureza.

Apresentamos no quadro 01 a forma como a BNCC se refere ao componente curricular da EF e também como a MH de Manuel Sérgio (1995; 2010), apresenta-se como possibilidade de referenciar as práticas corporais como fenômeno cultural emancipatório.

QUADRO 01 - CARACTERIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA (BNCC, 2018) E CARACTERIZAÇÃO DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA:

Caracterização da EF conforme a BNCC (2018, p.213):	Caracterização da CMH referenciado em Manuel Sérgio (1995; 2010):
Componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.	Área do conhecimento que se refere à totalidade do ser humano (corpo-mente-desejo-natureza-sociedade), em um processo dinâmico de aquisição do saber, pela e na motricidade que é o corpo em ato (da virtualidade para o movimento intencional). Estabelece-se na interação entre o organismo e o meio, ou seja, estar-no-mundo, como ser de cultura, na comunicação, na historicidade, na liberdade, na noosfera e na transcendência (ser humanamente é agir para ser mais).

FONTE: Santos, (2019, p. 78).

Analisando esses dois argumentos, constatamos que a CMH, ao se referir a totalidade do ser humano em relação com o mundo, configura-se como área das Linguagens. Ao enfatizar a motricidade (da virtualidade para o movimento intencional), a CMH se apresenta com os argumentos propícios para tematizar com profundidade e abrangência as práticas corporais presentes na BNCC, a saber: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura.

Como foco central deste estudo, apresentamos no quadro 02 as dez competências específicas da EF propostas pela BNCC, interpretadas com base nesta investigação com os argumentos propostas por Sérgio (1995; 2001; 2010).

QUADRO 02 - COMPETÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA (BNCC) E AS COMPETÊNCIAS DA CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA:

	COMPETÊNCIAS DA EF conforme a BNCC (BRASIL, 2018, p.223):	COMPETENCIAS CMH conforme Manuel Sérgio (1995; 2001; 2010):
01	Compreender a origem da cultura corporal de movimentos e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.	Na motricidade humana o movimento é <i>status ontológico</i> , em busca incessante da transcendência, agir com intencionalidade para ser mais, e o ser humano, por ser <i>axiotrópico</i> (que persegue, apreende, cria e realiza valores), sendo intrinsecamente cultural, conhece, se conhece, transforma e se transforma.
02	Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.	Problematizar situações para criar novas possibilidades de realização, exercitando a autonomia e a criatividade com perspectiva de responsabilização.
03	Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.	Reconhecer, a pessoa na condição de estudante ser corpo-mente-natureza-desejo-sociedade como um todo integrado e dinâmico, ou seja, a pessoa se reconhecer como um ser que pensa, sente e pelo movimento realiza a intenção primordial de viver com responsabilização (envolvendo os cuidados com a construção e manutenção da saúde).
04	Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.	Fomentar a transdisciplinariedade evitando a fragmentação do saber. Considerando as particularidades das intenções motoras (esporte, dança, jogo, luta, ginástica). Porém, salientando, a autonomia, a criatividade, a relação, a ética e a linguagem, visando uma perspectiva sistêmica onde a complexidade seja presente.

05	Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.	Fazer da CMH um conhecimento-emancipação e onde, por consequência, a fraternidade e o respeito estejam presentes, designadamente em relação ao diferente. A intersubjetividade pressupõe a diferença (a diferença das diversas subjetividades que a compõem).
06	Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.	Surgir como um sinal de resistência ao irracionalismo da barbárie fascista, do dogmatismo neoliberal e à semicultura do corporativismo dado que o ser humano, em movimento intencional, reflete e projeta valores.
07	Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.	Buscar, cada vez mais, entender o que é concentrar em si, simultaneamente, corpo-mente-desejo-natureza-sociedade.
08	Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.	Sublinhar, na CMH, o diálogo homem-mundo. O movimento humano intencional presente na dinâmica da vida, um estar sendo plenamente em cada instante, tanto no lazer, na escola, no trabalho e na saúde.
09	Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.	Identificar e valorizar a interdependência uns com os outros no processo de humanização (o corpo individual está em relação entranhada com o corpo social).
10	Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.	O ser humano no movimento da transcendência, tem ensejo de pôr à prova as suas qualidades físicas, mas também, a sagacidade, a perspicácia, a inventividade, a afetividade, a inteligência e a convivência, nas incontáveis possibilidades de manifestações motoras.

FONTE: Santos, (2019, p.81).

Nas competências elencadas pela BNCC presentes no quadro 02, interpretadas pelos argumentos da CMH, apontam para uma perspectiva de educação que reconhece em cada pessoa a maneira subjetiva de ser e estar no mundo, com capacidade de transcendência, ou seja, superar-se a cada momento, a cada evento e a cada situação.

Santos (2019, p.71), constata em sua pesquisa que a BNCC se propõe a desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes como matriz direcionada pela dimensão da materialidade e da objetividade. A CMH vem mostrar nesse estudo que a EF e a educação como um todo, no contexto escolar e não escolar, precisa romper com a ideia de apenas conhecer, saber e fazer. Pois com essa tríade se tem a pessoa como máquina.

A CMH por se caracterizar como área das linguagens, pode contribuir para a visão complexa que caracteriza o ser humano diante do potencial evolutivo na dimensão da subjetividade e da transcendência em que a liberdade, a criatividade, a autonomia e a intuição, possam ser evidenciados como conceitos dinâmicos, com possibilidades de serem vivenciados na aula de Educação Motora.

Os argumentos apresentados no quadro 02 referendam as posições defendidas de que a CMH se efetiva como proposta educativa que contempla a área das linguagens, numa visão integral do ser humano. Entender o ser humano na sua integralidade passa a ser o desafio apontado no estudo, principalmente para o profissional que almeja transitar da visão linear, mecanicista, dualista e reducionista, centrada em educar o físico das pessoas, passando a educar pessoas que concentram em si, simultaneamente, Corpo-Mente-Desejo-Natureza-Sociedade, em um apelo incessante à transcendência.

Com base no levantamento teórico e nas análises realizadas, a educação nesta

perspectiva reconhece o potencial de inteligência, intuição, criatividade e autonomia dos estudantes, mediante ao processo de emancipação e libertação a favor da vida com dignidade. Portanto, promove resistência à barbárie e à desumanização presentes em nosso contexto civilizatório, expressa em atitudes de exclusão, preconceito e violência.

Assim, esta proposta de educação corporal valoriza a motricidade humana como processo dinâmico de aquisição do saber, de construção da saúde, de despertar potencialidades adormecidas de descoberta de nós mesmos, do outro e do ambiente em que vivemos e moramos.

Em síntese, a aula de educação motora realizada no concreto do plenamente vivido, na dinâmica das interações, implica em pensar a educação tendo como premissa despertar o ser humano em potência, existente em cada educando que visa à transcendência, ser mais. Essa perspectiva de educação é como o filósofo e precursor da CMH, Sérgio (1995, p.62), apresenta o sentido original da palavra autoridade (do latim *augere*), *é fazer crescer*.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. BNCC. Motricidade Humana. Emancipação

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF; MEC; CONSED; UNDIME, 2018.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

JOÃO, R.B., **Contribuições à ciência da motricidade humana: por uma concepção de corporeidade à luz do pensamento complexo**. In: FERES NETO, A. (org.). *Motricidade humana: novos olhares e outras práticas: à luz da transdisciplinaridade e das ciências emergentes*. Curitiba: Appris, 2018.

KEIM, Ernesto Jacob, **Princípios Eco-Vitais como referenciais do Bem Viver na educação da emancipação**. In: *Mimeo*. Disponível em: <http://profjacob.com.br/wp-content/uploads/2018/03/O-BEM-VIVER-E-OS-PRINC%C3%8DPIOS-ECO-revisado.pdf>. Matinhos PR, UFPR. /2018.

PEREIRA, Ana Maria. **A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas**. In: *Revista Digital do Paideia* Volume 2, Número 2, outubro de 2010 – março de 2011.

RODRIGUES, Cae; ZOBOLI, Fábio; CALAZANS, Luis Henrique. **Motricidade humana como tema de produção em periódicos da educação física brasileira**. In: *Motricidades, Rev. SPQMH*, v. 2, n. 1, p. 32-44, jan.-abr. 2018.

SANTOS, Reard Michel. **A Motricidade Humana e Educação da Emancipação da Vida na Educação Física Escolar**. Matinhos: UFPR - Setor Litoral, 2019. 110f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Ambientais) Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional Para o Ensino das Ciências Ambientais, PROFCIAMB, Universidade Federal do

Paraná, Setor Litoral, Matinhos, 2019.

SÉRGIO, Manuel. **Motricidade humana: um paradigma emergente**. Blumenau: Ed da FURB, 1995.

SÉRGIO, Manuel. **Motricidade humana e saúde**. In: Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v.12, n. 2, p. 129 – 138, 2. sem. 2001.

SÉRGIO, Manuel. **O esporte e a motricidade humana**. In: Caderno de Educação Física, Marechal Cândido Rondon, v.9, n. 16, p. 111 – 122, 1. sem. 2010.